

**FRANCISCANISMO E HAGIOGRAFIA NO SÉCULO XIII:  
PRIMEIRAS REFLEXÕES SOBRE O  
O LEGENDÁRIO ABREVIADO DE JOÃO GIL DE ZAMORA**

Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva

UFRJ- CNPq

andreaifrazao@ufrj.br

Iniciei em março de 2019 o desenvolvimento do projeto individual intitulado *Franciscanismo e Hagiografia no século XIII: o Legendário Abreviado de João Gil de Zamora*, com o financiamento do CNPq. Essa pesquisa está vinculada à investigação coletiva *Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade*<sup>1</sup> e ao subprojeto *Os legendários abreviados mendicantes, a temática do martírio e a construção medieval da memória de santos venerados no Rio de Janeiro*, submetido ao edital Faperj-CNE 2019,<sup>2</sup> e é realizada junto ao Programa de Estudos Medievais (Pem) e ao Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC), ambos da UFRJ.

Uma das metas dessa pesquisa individual é dar prosseguimento ao aprofundamento das reflexões sobre os dados coletados, organizados e publicados no *Banco de Dados da Hagiografia Ibérica, séculos XI ao XIII*.<sup>3</sup> Nesse sentido, o foco da investigação está na produção hagiográfica vinculada à diocese de Zamora, localizada no noroeste da Península Ibérica, no curso médio do Douro.

---

<sup>1</sup> O projeto coletivo *Hagiografia e História: um estudo comparativo da santidade* tem como principal meta o estudo da produção hagiográfica e da trajetória e culto dos personagens que foram reconhecidos socialmente como dignos de veneração nas penínsulas ibérica e itálica nos séculos XI, XII e XIII. Esse projeto, por seu caráter coletivo, funciona como uma linha de pesquisa, ao qual estão vinculados pesquisadores em diversos níveis de formação e de diferentes instituições, que desenvolvem estudos individuais, mas em articulação ao projeto por suas temáticas, recorte temporal e/ou espacial.

<sup>2</sup> O objetivo desse projeto é discutir como a hagiografia mendicante do século XIII, elaborada nas penínsulas ibérica e itálica, abordou a temática do martírio e construiu uma memória de santidade para mártires que foram e/ou são cultuados no Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Disponível em [https://www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/hagiografiaehistoria\\_v1.pdf](https://www.pem.historia.ufrj.br/arquivo/hagiografiaehistoria_v1.pdf). Última consulta em 23 de julho de 2019.

Lera Maillo, em uma obra lançada em 2018, destaca que ainda são poucos os estudos sobre a diocese de Zamora (p. 726). Contudo, a partir dos trabalhos já publicados, é possível elaborar uma breve síntese sobre a formação desse bispado.

Não é possível precisar quando a fé cristã se estabeleceu em Zamora, mas os autores afirmam que no século VI a área já estava cristianizada. Com a expansão islâmica, a região foi ocupada por berberes até meados do século VIII. Após a saída dos muçulmanos, foi alvo de incursões cristãs, mas só há testemunhos sobre presença estável a partir de fins do século IX. Nesta conjuntura foi fundado o bispado de Zamora, por iniciativa do Rei Afonso III (c. 852–910).

Há notícias de que durante o século X manteve-se a sucessão episcopal, e igrejas e mosteiros foram organizados em todo território diocesano. Contudo, em fins do século X, Zamora foi destruída pelas campanhas de Almansor e a diocese foi incorporada ao bispado de Astorga. O episcopado só foi restaurado no início do século XII, com confirmação do Papa Eugênio III. Neste momento a extensão da diocese foi definida, reunindo áreas anteriormente pertencentes aos bispados de Braga, Astorga e Salamanca (LERA MAILLO, 2018, p. 727). Ainda no século XII, uma nova catedral começou a ser construída e foi organizado o cabido.

Ou seja, a diocese de Zamora não remontava ao período romano-visigodo. Ela foi constituída no momento de expansão territorial, repovoamento e colonização das áreas conquistadas pelos cristãos. Devido ao dinamismo desse processo, após a sua fundação, foi incorporada à Astorga, e somente no século XII, em uma nova conjuntura peninsular, marcada, dentre outros aspectos, pela reordenação política e a aproximação da igreja hispana à Roma, foi definitivamente estabelecida.

No levantamento realizado para a composição do *Banco de Dados da Hagiografia Ibérica* foram identificados sete textos redigidos na diocese de Zamora, todos datados do século XIII, momento de consolidação desse bispado. Tais obras podem ser divididas em dois grupos. No primeiro, encontra-se unicamente a *Vita Sancti Attilani Episcopi Zamorensis*, hagiografia anônima dedicada àquele que, pela tradição, foi o primeiro bispo zamorano: Atilano. No segundo, os materiais atribuídos ao franciscano João Gil de

Zamora:<sup>4</sup> *Vita Isidori Agricolae*,<sup>5</sup> *De preconii Hispaniae, Officium almi fluae Virginis, Liber de Ihesu et Maria, Liber illustrium personarum e Legende sanctorum et festiuitatum aliarum de quibus ecclesia sollemnizat*.

Optei por analisar uma única obra deste segundo grupo: as *Legende sanctorum et festiuitatum aliarum de quibus ecclesia sollemnizat*, doravante indicada pela sigla “LS”. Essa opção se explica por duas razões principais: as LS foram transmitidas por um único manuscrito e publicadas pela primeira vez em 2014;<sup>6</sup> portanto, devido, sobretudo, às dificuldades de acesso ao material, praticamente não foram realizados estudos sistemáticos sobre esse texto; a compilação reúne, em seu estado atual, 71 (sessenta e um) capítulos que abordam de forma específica a trajetória e/ou a morte gloriosa de santos.<sup>7</sup>

As LS formam um legendário, pois se configuram como a reunião de vários relatos sobre paixões de mártires, vidas de santos e celebrações litúrgicas. Segundo Dolbeau (2010, p. 346), os legendários começaram a ser produzidos por volta de 750, chegando a formar grandes coleções. Em geral, os responsáveis por tais obras reproduziam os textos, realizando o mínimo de intervenções. A partir de fins do século XII, os redatores passaram a resumir e reelaborar suas fontes, produzindo os chamados legendários abreviados.

Os mendicantes, em harmonia com os ideais de espiritualidade da Ordem Religiosa surgida no século XIII, adotaram o formato dos legendários abreviados. Como os frades praticavam a itinerância, realizando pregações, ouvindo confissões, exortando e confortando os fiéis em visitas pastorais, era necessário que os irmãos tivessem acesso a materiais que pudessem ser consultados facilmente para preparar prédicas, bem como

---

<sup>4</sup> *Iohannes Aegidii Zamorensis* na forma latina e Juan Gil de Zamora, em espanhol.

<sup>5</sup> A atribuição da autoria da *Vita Isidori Agricolae* por João Gil de Zamora foi proposta por Fidel Fita. Mas essa hipótese não é aceita por todos os estudiosos. Os editores desta obra, Puñal e Sanchez, seguem a tese de Fidel Fita (2013, p. 17-24).

<sup>6</sup> Edição elaborada por José Carlos Martín Iglesias e Eduardo Otero Pereira e publicada pelo Instituto de Estudios Zamoranos Florián de Ocampo como segundo volume da coleção *Iohannis Aegidii Zamorensis Opera Omnia*.

<sup>7</sup> Destaca-se que alguns capítulos abordam mais de um santo, como os dedicados a Facundo e Primitivo, Felix e Fortunato e Julião e Basilissa, para citar alguns exemplos. Além disso, nos demais 17 capítulos também são encontrados materiais de caráter hagiográfico.

para a devoção particular. Essa demanda é sintetizada no prólogo das LS, que também realça a o valor da pobreza:

(...) já que a nossos irmãos, imitadores do nosso santo padre S. Francisco, frágeis em sua **pobreza**, gostam da brevidade, em especial porque, quando **saem para pregar**, não podem levar consigo um peso tão grande de livros, por isso, ante seus rogos e suas súplicas, elegi, dentre uma matéria abundante, umas poucas coisas que escrevi nesse livro com fina pluma e tinta fluida, atendendo mais a **necessidade dos pobres do crucificado** que a utilidade. De fato, nas legendas elaboradas e prolixas se tem presente a maior utilidade deste estilo, enquanto que nas abreviadas, a **necessidade e a pobreza**. (Grifo meu)<sup>8</sup>

Desta forma, as memórias relacionadas aos santos e às festas litúrgicas presentes nos legendários abreviados alcançaram grande divulgação, o que resultou em impacto cultural entre as populações, como assinalam Maggioni (1990) e Trembinski (2006).

Como já ressaltado, as LS foram compostas por João Gil. Ele nasceu em Zamora, localidade da Península Ibérica, no período integrada ao Reino Castelhana-Leonês, provavelmente em uma família nobre. Segundo estudos mais recentes, é possível datar seu nascimento por volta de 1251/2. Ele foi frade franciscano, ingressando na Ordem em fins da década de 1260. Possivelmente estudou em Salamanca e, posteriormente, em Paris. A partir de referências presentes em suas obras, foram elaboradas hipóteses de que ele ensinou um período em Toulouse e passou uma temporada em Madri. Ocupou cargos na Ordem, como professor e custódio do convento franciscano em Zamora e vicário e ministro da Província Franciscana de Santiago. Alguns autores propõem que foi colaborador do *scriptorium* de Afonso X e preceptor de Sancho IV. Morreu por volta de 1318.

João Gil escreveu diversas obras, com temáticas variadas, como medicina, música, retórica, biografia, etc. Ainda se encontra em discussão a lista dos textos de sua autoria, pois, como sublinha Vilchez (2007, p. 23), o frade se referia aos seus escritos com

---

<sup>8</sup> Segue o texto latino: “ *quia fratres nostri patris sancti Francisci emuli, tenues paupertate, gaudent breuitate, maxime quia, cum ad predicandum exeant, tantum honus librorum secum defferre non possunt, idcirco, ipsi instantibus et supplicantibus, ex multis pauca excerpserunt, que in hoc libro breui calamo et atramento fluido exarauerunt, pauperum crucifixi respiciens necessitatem potius quam utilitatem. In perfectis quidem legendis et prolixis maior utilitas, in abreviatis uero necessitas et paupertas consideratur*”. Tradução feita pela autora a partir da edição bilíngue, latim-espanhol, de Jose Carlos Martín e Eduardo Otero Pereira (2014, p. 132).

diferentes títulos ou denominava partes de um livro com nomes específicos. Além disso, como apontam os editores das LS, inseria trechos de suas obras anteriores nas seguintes (2014, p. 19-34).<sup>9</sup>

As LS foram preservadas de forma incompleta,<sup>10</sup> por um único manuscrito, o Add. 41070 (ff. 1-465v), pertencente à British Library, Londres,<sup>11</sup> datado pelo editor como do século XIV.<sup>12</sup> Ele só contém o legendário, atualmente em 465 fólios. Segundo Martin Iglesias, o códice é de origem hispânica, mas o local de sua confecção não é conhecido (2015, p. 151). A sobrevivência de um único manuscrito pode indicar que o texto não alcançou grande circulação ou, considerando o indicado no Prólogo da obra, é possível supor que várias cópias das LS foram produzidas, mas só uma sobreviveu; as demais perderam-se devido à qualidade do material utilizado na confecção, que deveria ser de baixo custo, e ao seu frequente manuseio e transporte pelos frades.

As LS foram compostas em latim e em prosa, provavelmente no Convento Franciscano de Zamora. Ainda há muita discussão sobre a datação, pois, como destacam os editores do texto, “não há nas *Legende sanctorum* nenhuma passagem que permita datar sequer de forma aproximada esta obra” (2014, p. 30).<sup>13</sup> Para Castro y Castro, que localiza o nascimento de João Gil na primeira metade do século XIII, foi iniciada antes de 1237 (1974, p. 558). Para Pérez-Embuid Wamba, é de 1278 (2002, p. 304-305). Martín Iglesias e Otero Pereira propõem como *terminus post quem* de redação entre 1279 e 1289 (JUAN GIL DE ZAMORA, 2014, p. 33).

---

<sup>9</sup> No momento, há certo consenso sobre a redação de quatorze obras que foram transmitidas: *Archivium seu armarium scripturarum*; *Liber illustrium personarum*; *Ars Musicae*; *Prosodium*; *Contra Venena et animalia venenosa*; *Liber de animalibus*; *De Preconiis Hispaniae*; *Liber de preconiis ciuitatis Numantinae*; *Dictaminis epithalamium*; *Historia Naturalis*; *Officium Almifluae Virginis*; *Sermones sanctorum*; *Liber de Ihesu et Mariae*; *Breuioloquium de uitiis et uirtutibus*. Há notícias sobre obras atualmente perdidas, como *De mundi aetatibus*, *De trifaria medicina*, *De remediis* e *Tractatus cordis*. Por fim, há materiais cuja a autoria de João Gil é discutida, como a já citada *Vita Isidori Agricolae*. Segui, aqui, a listagem elaborada por Olga Soledad Bohdziewicz em sua tese ainda inédita (2014, p. 29-36). Agradeço a autora por disponibilizar uma cópia de seu trabalho.

<sup>10</sup> Faltam a vida de Lázaro, o capítulo sobre o Natal e todas as narrações referentes à letra Z (JUAN GIL DE ZAMORA, 2014, p. 73).

<sup>11</sup> A British Library disponibiliza cópias digitais de diversos manuscritos em seu site (Cf. <https://www.bl.uk/manuscripts/>), entretanto, uma cópia do ADD. 41070 ainda não se encontra *online*.

<sup>12</sup> Dolbeau data esse manuscrito como de fins do século XIII (2010, p. 372, nota 98).

<sup>13</sup> Tradução da autora. Segue o texto original: “no hay en las *Legende sanctorum* ningún pasaje que permita fechar siquiera de forma aproximada esta obra”.

Para a composição das LS foram empregadas diversas e variadas fontes, bem como materiais procedentes de uma obra composta por Gil anteriormente, o *Liber illustrium personarum* (2015, p. 219). Segundo Eduardo Otero, “em raras ocasiões João Gil nos oferece uma versão original da vida de um santo. Na maior parte dos casos, o franciscano zamorano toma uma fonte e a segue, muitas vezes, inclusive, de maneira literal” (2014, p. 125).<sup>14</sup>

O legendário está dividido em 88 capítulos, organizados em ordem alfabética dos títulos. Ao todo, são 15 (quinze) capítulos dedicados a festas cristãs, com destaque para as celebrações ligadas à Virgem e à História da Salvação, 2 (dois) ao anjo Miguel, e 71 aos santos.

Ainda que as LS não tenham sido objeto de muitos estudos, a biografia e a vasta produção literária de Gil de Zamora têm despertado o interesse dos pesquisadores, mormente a partir de meados do século XX. Neste sentido, algumas de suas obras foram editadas; os autores têm discutido sobre as fontes consultadas e a metodologia de compilação empregada por João Gil, bem como sobre as relações entre as próprias obras egidianas. Também há trabalhos que propõem análises sobre textos específicos do Zamorano. Contudo, como sintetiza Draelants (2014, p. 28):<sup>15</sup>

os trabalhos aparecidos até o momento estão longe de aclarar de forma definitiva a biografia ou a obra didática e pastoral deste prolífico polígrafo. Alguns dados sobre sua vida são seguros; outros estão melhor ou pior fundamentados em alguns indícios textuais ou documentos históricos. Enquanto isso, sua obra ainda continua em boa parte inexplorada – devido à tradição manuscrita, às suas fontes ou à sua difusão– ou inédita –particularmente os sermões.

---

<sup>14</sup> Tradução da autora. Segue o texto original: “*en contadas ocasiones nos ofrece Juan Gil una versión original de la vida de un santo. En la mayor parte de los casos el franciscano zamorano toma una fuente y la sigue muchas veces incluso de manera literal*”.

<sup>15</sup> Tradução da autora. Segue o texto original: “*los trabajos aparecidos hasta ahora están lejos de aclarar de forma definitiva la biografía o la obra didáctica y pastoral de este prolífico polígrafo. Algunos datos sobre su vida son seguros; otros están mejor o peor fundados en algunos indicios textuales o documentos históricos. Mientras tanto, su obra aún continúa en buena parte inexplorada –por razón de la tradición manuscrita, de sus fuentes o de su difusión– o inédita –particularmente los sermones*”.

Dentre as obras pouco exploradas encontram-se as LS. Além da edição crítica,<sup>16</sup> na qual são apresentados e debatidos diversos aspectos do texto, localizei unicamente outros três materiais já publicados, que passo a apresentar.

O primeiro é um capítulo dedicado à hagiografia egidiana no livro sobre a hagiologia castelhana entre os séculos XI ao XIII, de 2002, escrito por Perez-Embid Wamba. Ao abordar as LS, foca na organização e temática dos capítulos, com destaque para a origem geográfica e período de vida dos santos incluídos na compilação.

O segundo, datado de 2014, é de autoria de Eduardo Otero Pereira. Ele discute quais versões da vida de São Frontão de Périgueux<sup>17</sup> são utilizadas por João Gil na elaboração de seu capítulo sobre o santo nas LS. O autor conclui que o Franciscano “mostra-se eclético na hora de escolher seus materiais” (2014, p. 129),<sup>18</sup> reunindo dados das diferentes versões, ainda que tome uma como base.

O terceiro foi publicado em 2015 por José Carlos Martín Iglesias. Trata-se de uma apresentação da edição crítica das LS, que o autor organizou com Eduardo Otero Pereira, como já sublinhado. Desta forma, após expor brevemente a biografia de João Gil e uma síntese do conteúdo das LS, detalha “o processo de trabalho ao largo dos dois anos que levou à preparação do volume que recolhe o estudo e a edição das *Legende sanctorum*” (p. 140).<sup>19</sup>

Ou seja, as LS formam um material ainda pouco estudado e, portanto, há muito a explorar. Com a minha pesquisa objetivo contribuir para a ampliação dos conhecimentos, ou, eventualmente, a revisão dos já estabelecidos, sobre a trajetória e a atividade literária de João Gil, a presença franciscana e a perpetuação de memórias de santidade no Noroeste Ibérico, em especial na diocese de Zamora. Neste sentido, parti de algumas questões iniciais de pesquisa: quais aspectos singularizam as LS face a outros legendários mendicantes compostos no século XIII e como compreender tais singularidades; como o Frade incorporou e ressignificou tradições hagiográficas anteriores nas LS e quais elementos interferiram nesse processo; como a composição das LS dialogou com a

---

<sup>16</sup> Trechos das LS foram publicados anteriormente, como a *Vita Beati Hysidori*, por Jose Carlos Martín (2008), e o prólogo, por Dolbeau (2010).

<sup>17</sup> Esse santo é considerado pela tradição hagiográfica o primeiro a pregar a fé cristã na região de Périgueux, ainda no século III.

<sup>18</sup> Tradução da autora. Segue o texto original: “*se muestra eclético a la hora de elegir sus materiales*”.

<sup>19</sup> Tradução da autora. Segue o texto original: “*el proceso de trabajo a lo largo de los dos años que llevó la preparación del volumen que recoge el estudio y edición de las Legende sanctorum*”.

organização social contemporânea à sua produção, em especial com as atividades dos frades menores e a circulação de memórias sobre santos no Noroeste Ibérico, mormente na diocese de Zamora.

Para discutir tais questões, tenho buscado, desde o início da pesquisa, levantar materiais bibliográficos sobre a trajetória e a produção literária de João Gil de Zamora, produzidos em diversos campos do conhecimento, para analisá-los, a fim de contribuir com a revisão da perspectiva tradicional sobre sua biografia; construir o quadro contextual de produção das LS; identificar com quais grupos sociais a composição das LS buscou dialogar; examinar os aspectos que singularizam as LS face aos legendários abreviados produzidos pelos mendicantes na segunda metade do século XIII; investigar os perfis de santidade que são apregoados por meio das LS, destacando os elementos que os uniformizam e/ou os particularizam, as disputas que eventualmente revelam e as ideias e os valores que são criticados ou reafirmados; pesquisar os vestígios de cultos sobre santos no Noroeste Ibérico, em especial, na diocese de Zamora; discutir a articulação entre a produção das LS e a presença de veneração a santos e a circulação de memórias de santidade no Noroeste Ibérico, mormente na diocese de Zamora; debater o impacto das normativas papais nas narrativas sobre celebrações litúrgicas e santos presentes nas LS; analisar o uso pelos franciscanos, em especial dos vinculados ao convento da diocese de Zamora e dos demais conventos do Noroeste Ibérico, de memórias de santidade

As LS de autoria de João Gil de Zamora são o objeto e a principal fonte histórica dessa pesquisa, desenvolvida no campo da História Cultural. Dessa forma, é duplamente abordada no estudo: como monumento que perpetua a recordação,<sup>20</sup> e como testemunho do passado.

Na análise, parto do pressuposto que as LS possuem caráter multidimensional. Tal pressuposto é um desafio, pois as LS como vestígio formam, como realçam Serna e Pons, “um material interpretável que não é óbvio, precisamente porque a cultura da qual

---

<sup>20</sup> Monumental tal como propõe Jacques Le Goff (1984, p.462-476).

nós contemporâneos nos servimos não tem porque coincidir com as referências e evidências de nossos antepassados” (2013, p. 13).<sup>21</sup>

No atual estágio da pesquisa é possível identificar variadas dimensões, que deverão ser estudadas e articuladas. Dimensão material, pois a obra foi preservada por um códice em pergaminho, que envolveu, para a sua produção, recursos materiais e humanos. Dimensão literária, porque é um legendário abreviado, repleto de *exempla*, com a função de ser um material para consulta. Dimensão institucional, já que foi composta no âmbito da Ordem dos Frades Menores e, por extensão, no seio da Igreja Romana e, provavelmente, em relação com a corte castelhano-leonesa. Dimensão intelectual, pois as LS mantêm relação com o pensamento universitário e enciclopédico do século XIII. Dimensão dogmática, por reafirmar a liturgia, as normas e os dogmas da Igreja Romana. Dimensão didática, pois apresenta informações sobre a história, as celebrações e os costumes eclesiais com o objetivo de difundir-las. Dimensão devocional, porque por meio dos relatos sobre as vidas dos santos, os frades e os fiéis eram estimulados à reflexão sobre a experiência de fé. Dimensão litúrgica, pois as narrativas das LS vinculam-se às celebrações eclesiais. Dimensão diacrônica, porque o legendário egidiano incorpora tradições anteriores. Dimensão discursiva,<sup>22</sup> pois as LS difundem valores, crenças, modelos idealizados de comportamento e pontos de vista sobre diferentes aspectos do social.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> Tradução da autora. Segue o texto original: “*un material interpretable que no es obvio, precisamente porque la cultura de que los contemporáneos nos servimos no tiene por qué coincidir con las referencias y evidencias de nuestros antepasados*”.

<sup>22</sup> Reproduzo, aqui, a definição de discurso que tenho aplicado às minhas investigações: “Compreendemos discurso como uma construção humana coerente, coletiva, dinâmica, e organizada sobre uma determinada temática. Os discursos são, portanto, saberes, ou seja, compreensões produzidas pelas sociedades sobre as relações humanas, tal como define Foucault (1981). Os discursos não se limitam ao universo das idéias [sic] e não antecedem a organização social, tal como apontam os pensadores idealistas, já que é inseparável dela. Fazem-se presentes e constituem as práticas, as relações sociais, as instituições e as representações, ou seja, o social. Assim, tal como aponta Pinto, o social não forma uma totalidade organizada a partir de um centro que determina seu funcionamento, mas é um conjunto múltiplo de discursos (1989:39). Nenhum discurso é totalmente absoluto, pois ainda que se torne hegemônico, não elimina o outro; busca desqualificá-lo, ignora-o. Também não é autônomo ou imutável, já que nasce a partir de outros discursos e deles sofre a interferência. Neste sentido, podemos afirmar que convivem, numa mesma sociedade, múltiplos discursos, com lógicas e preocupações diferentes, que se complementam ou se opõem” (SILVA, 2002, p. 196).

<sup>23</sup> Parto desse conjunto, mas é possível que, no decorrer da pesquisa, outras dimensões possam ser identificadas.

Essa perspectiva se articula à compreensão de que a produção e transmissão dos textos são fenômenos complexos, que não podem ser interpretados como resultantes unicamente da correspondência direta entre texto, autoria, receptor e contexto, já que diversos elementos afetam a produção textual. No caso específico das LS, há que ressaltar que se trata de um material que retoma e reelabora memórias em circulação.

As memórias, no caso específico dessa pesquisa, são compreendidas como construções coletivas, encadeadas às relações de poder, que recebem ajustes, tais como recortes, acréscimos e ressignificações, nos distintos contextos históricos, expressando-se por meio de práticas sociais, textos, imagens, etc. As LS são, sob essa perspectiva, uma etapa da perpetuação e reelaboração de memórias sobre pessoas consideradas dignas de veneração, elaboradas em diálogo com a Ordem Franciscana, o ambiente universitário, a Igreja Romana, etc.

Partindo de tais pressupostos, estou, no momento, desenvolvendo reflexões em três perspectivas distintas, ainda que interconectadas. Apresento cada uma delas a seguir:

A primeira é um exercício para ler as LS em sua articulação com a pregação e a cura pastoral. Como indica o prólogo, as LS foram compostas para serem transportadas pelos irmãos e consultadas no preparo de prédicas. Mas como tais consultas voltadas ao preparo de pregações influenciaram a leitura e interpretação de tais materiais?

Buscando compreender tal processo, é válido mencionar outro legendário abreviado produzido na Península Ibérica no século XIII, de autoria do dominicano Rodrigo de Cerrato, denominado pelos estudiosos como *Vitas Sanctorum* (VS). Em um dos códices que transmite essa obra, o de Segóvia, foram incluídos dois “florilégios de exempla” para facilitar o uso do material pelos irmãos. Em um deles, ao lado da indicação de diferentes grupos sociais, como enfermos, reclusos, rainhas, crianças, soldados, etc., são registrados os capítulos mais adequados para ensiná-los. O outro, informa a temática a ser abordada, como castidade, blasfêmia, comunhão, inveja, crueldade, esmola, e também os capítulos relacionados (PEREZ-EMBID WAMBA, 2011, p. 106-112).<sup>24</sup> Apresento dois exemplos retirados dos florilégios. Para exortar os varões casados, são

---

<sup>24</sup> Pérez -Embid Wamba traduz e transcreve os dois índices (2011). As VS não estão publicadas em sua totalidade, só trechos.

apontados os capítulos referentes a Santa Ana e Joaquim, João Batista, Adriano e Natália, Dionísio e Pelágia e Tomás (PEREZ-EMBED WAMBA, 2011, p. 107). Para tratar do jejum, são listados os capítulos de Nicolau, André, João Evangelista, Silvestre e Assunção da Virgem (PEREZ-EMBED WAMBA, 2011, p.110).

Não foi preservado um índice similar relacionado às LS, mas os florilégios das VS permitem refletir como os legendários abreviados eram lidos pelos frades. Seguindo essa perspectiva, é possível supor que eram retirados dos capítulos *exempla*, que poderiam ser articulados a outros materiais, como textos bíblicos e patrísticos, ou combinados entre si. É possível, assim, conjecturar que se o tema central de uma dada exposição fosse a virgindade, aspectos relacionados à Virgem presentes nos capítulos das festas marianas poderiam ser associados a episódios das vidas de santas identificadas como virgens, mártires ou não, como Luzia, Inês ou Escolástica, para apregoar ensinamentos como o valor da pureza, a necessidade de manter-se firme face à tentação ou a superioridade da dedicação a Cristo ao invés da entrega à vida secular, dentre outras temáticas. As combinações são infinitas, pois juízos de valor, recomendações e lições de caráter moral e teológico poderiam ser encadeadas a narrações de episódios, a fim de transformar as exposições mais compreensíveis ao público que se buscava atingir.

Para examinar esse possível uso das LS, proponho que a análise considere os calendários litúrgicos, tanto o romano quanto os locais; as diversas unidades de sentido que compõem os capítulos, ou seja, subdivisões da narrativa que relatam episódios com começo e fim;<sup>25</sup> o potencial didático de cada uma dessas unidades para transmitir uma ou mais mensagens; as possibilidades de associação de mais de uma unidade no tratamento de um tema específico, para reforçar ensinamentos e pontos de vista.

Outro caminho a ser testado é a comparação dos capítulos listados nos índices das VS aos presentes nas LS, verificando convergências e ausências e a relação entre o tema/público com a versão textual do legendário egidiano. Por fim, uma técnica que pode ser aplicada à análise é, partindo dos índices das VS, confeccionar listagens de palavras, em latim, que podem ser ampliadas incluindo termos vinculados à espiritualidade dos menores, e identificar a presença de tais vocábulos nas diversas unidades de sentido das

---

<sup>25</sup> Por exemplo, o capítulo dedicado a Santa Luzia pode ser subdividido em pequenas narrativas que formam uma unidade de sentido: a viagem ao túmulo de Águeda; a renúncia ao casamento, a venda do dote e a reação do noivo; a denúncia às autoridades romanas e a tortura; a morte da jovem, etc.

LS. A partir da identificação das unidades nas quais as palavras figuram, é possível fazer uma análise do conjunto, discutindo as potencialidades de seu emprego, como *exempla*, nas prédicas em geral, bem como comparar as recorrências.

A segunda perspectiva tem como objetivo pensar a dimensão regional e local das LS, uma compilação que segue uma tendência textual mais geral do Ocidente Medieval, como já sublinhado. Desta forma, a proposta é fazer uma dupla comparação.

Primeiramente, visando à contraposição da listagem dos capítulos das LS com as de outros legendários abreviados produzidos por mendicantes no século XIII, *Abbreviatio in gestis et miraculis sanctorum*, *Legenda Aurea*, *Liber epilogorum in gesta sanctorum*, *Vitas Sanctorum*, para identificar quais capítulos são comuns e quais são singulares, atentando para as variáveis de instituto – dominicano ou franciscano – e geográficas – península ibérica ou itálica. Os objetivos principais são verificar se são incluídos nas LS santos que estão ausentes nos demais legendários e se tais venerados vinculam-se à tradição da igreja hispana.

A outra comparação tem como meta contrapor os santos que figuram nos capítulos das LS aos oragos das igrejas de Zamora contemporâneas à redação do texto. A questão central a ser discutida é se as devoções conhecidas pelas populações, por meio dos nomes dados aos locais de culto e imagens, foram consideradas na seleção dos conteúdos a serem incorporados na composição das LS a fim de atrair os fiéis. Tal comparação, portanto, pode auxiliar a compreender o processo de construção da compilação e a refletir sobre uma possível articulação entre a ação pastoral dos irmãos menores e o culto aos santos já estabelecidos nos templos locais.

A terceira e última perspectiva tem como escopo a abordagem das LS à luz da circulação das tradições hagiográficas, tanto textuais quanto culturais. A ideia é, de forma similar ao que realiza Otero Pereira em seu trabalho sobre Frontão de Périgueux, fazer um estudo das devoções e lendas produzidas sobre os diversos santos e festas que figuram nas LS, a fim de identificar como tal compilação dialoga com a tradição e materiais contemporâneos. Para tanto, a proposta é combinar a análise diacrônica à sincrônica, contrapondo o texto de João Gil ao de hagiografias anteriores e aos legendários abreviados organizados no século XIII. Essa perspectiva pode contribuir para

as discussões sobre a atualização da matéria hagiográfica nas LS e a circulação de textos entre os mendicantes.

Já iniciei este estudo a partir do capítulo dedicado à Santa Luzia (*Sanctae Luciae*). Comparei o texto que é considerado o mais antigo a narrar a paixão da santa em latim, a *Passio Sanctae Luciae Virginis et Martyris*,<sup>26</sup> elaborado no século VI a partir do grego, ao da *Legenda Áurea*<sup>27</sup> e ao das LS. O texto egidiano presente na edição de 2014 aproxima-se mais ao legendário de Jacopo de Varazze do que ao da *Passio*. As próximas etapas são estudar sobre o surgimento e expansão do culto a Santa Luzia, inventariando legendas compostas sobre a Mártir anteriores ao século XIII, e comparar o texto das LS ao dos legendários *Abbreviatio in gestis et miraculis sanctorum* e *Liber epilogramum in gesta sanctorum*.

A pesquisa está ainda em suas etapas iniciais. Há muito trabalho a ser feito, com desafios a serem superados. Muitos materiais bibliográficos fundamentais para a pesquisa não estão disponíveis nas bibliotecas brasileiras nem na internet. Para desenvolver as perspectivas propostas, é necessário articular as reflexões historiográficas às provenientes dos estudos filológicos, literários, antropológicos e teológicos, dentre outros. E tenho que familiarizar-me com a obra, que é extensa. Para superar os desafios, contatos com especialistas e centros de pesquisa têm sido feitos e já foi iniciada a análise sistemática da obra. Espero, em breve, chegar a algumas conclusões, ainda que parciais.

### **Bibliografia**

- BOHDZIEWICZ, Olga Soledad. *Una contribución al estudio de la prosa latina en la Castilla del siglo XIII*: Edición crítica y estudio del Liber Mariae de Juan Gil de Zamora. Buenos Aires, 2014. [tesis doctoral]
- CASTRO Y CASTRO, M. de. La Legenda prima de San Antonio según Fr. J.G. de Zamora. *Archivo Iberoamericano*, n. 136, p. 551-612, 1974.

---

<sup>26</sup> Utilizei a edição preparada por Bonino Mombriozio no século XV e publicada em 1910.

<sup>27</sup> Foi utilizado o texto latino da edição de Maggioni (2007).

DOLBEAU, François. Les prologues de légendaires latins. In: HAMESSE, Jacqueline (ed.). *Les prologues médiévaux*. Turnhout: Brepols, 2010. p. 345-393.

DRAELANTS, Isabelle. Scala mundi, scala celi de la A a la Z: claves para la comprensión de la obra universal de Juan Gil de Zamora. Exégesis, libri authentici y mediadores. *Studia Zamorensia*, n. 13, p. 27-70, 2014.

JACOPO DA VARAZZE. *Legenda Aurea*. Edição dirigida por Giovanni Paolo Maggioni. Florença: Sismel-Edizioni del Galluzzo; Milano: Biblioteca Ambrosiana, 2007. 2v.

JUAN GIL DE ZAMORA. *Legende sanctorum et festiuitatum aliarum de quibus ecclesia sollempnizat*. Introdução, edição crítica e tradução anotada por Jose Carlos Martín, em colaboração com Eduardo Otero Pereira. Zamora: Instituto de Estudios Zamoranos, 2014.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: ROMANO, Ruggiero (Org.). *Enciclopédia Einaudi – História e memória*. Porto: Imprensa Nacional, 1984. p.462-476.

LERA MAILLO, José Carlos de. Geografía Eclesiástica de la diócesis (siglos X-XVIII). In: SÁNCHEZ HERRERO, José. *Historia de las Diócesis Españolas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2018. V. 21: Astorga. Zamora. p. 723-772.

MAGGIONI, Giovanni Paolo. Aspetti originali della “Legenda aurea” di Iacopo da Varazze, *Medioevo e Rinascimento*, v. 4, n. s. 1, p. 143-201, 1990.

MARTÍN IGLESIAS, Jose Carlos. La Vita beati Hysidori de Juan Gil de Zamora. *Cahiers de recherches médiévales* [En ligne], 16 | 2008, mis en ligne le 15 décembre 2011, consulté le 01 octobre 2016. URL: <http://crm.revues.org/10742>.

\_\_\_\_\_. Legende sanctorum et festiuitatum aliarum de Juan Gil de Zamora (O.MIN.): metodologia de uma edición crítica. In: PENA GONZÁLEZ, M. A., DELGADO JARA, I. (coords.) *Métodos y técnicas en Ciencias Eclesiásticas: Fuentes, historiografía e investigación*. Salamanca: Universidad Pontificia de Salamanca, 2015. p. 139-164.

MOMBRITIUS, B. *Sanctuarium. Sive Vitae Sanctorum*. Paris: Alberrum Fontemoing, 1910. 2t. T.2.

OTERO PEREIRA, Eduardo. La evolución de la leyenda de san Frontón de Périgueux hasta Juan Gil de Zamora a propósito de la nueva edición de sus Legende sanctorum. *Studia Zamorensia*, v. XIII, p. 125-130, 2014.

PÉREZ-EMBID WAMBA, Francisco Javier. *Hagiología y sociedad en la España Medieval. Castilla y León (Siglos XI-XIII)*. Huelva: Universidad de Huelva, 2002.

\_\_\_\_\_. Sobre el trasfondo social de la predicación mendicante en Castilla y León (siglo XIII). *Erebea: Revista de Humanidades y Ciencias Sociales*, n. 1, p. 103-136, 2011.

PUÑAL, T., SÁNCHEZ, J.M. (Ed.). *San Isidro de Madrid, un trabajador universal*. 4 ed. Madrid: La Librería, 2013.

SANCHEZ HERRERO, J. La diócesis de Zamora, siglos V al XV. In: \_\_\_\_\_ (org.). *Historia de las Diócesis Españolas*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2018. V. 21: Astorga. Zamora. p.773-869.

SERNA, Justo & PONS, Anaclet. 2 ed. *La historia cultural: autores, obras, lugares*. Barcelona: Akal, 2013.

SILVA, Andréia Cristina Lopes Frazão da. Reflexões metodológicas sobre a análise do discurso em perspectiva histórica: paternidade, maternidade, santidade e gênero. *Cronos: Revista de História*, n. 6, 194-223, 2002.

TREMBINSKI, Donna. Insensate Saints: Contextualizing Non-Suffering in Early Dominican Legendaries. *Florilegium*, v. 23, n. 2, p. 123-142, 2006.

VILCHEZ, Maria Rosa. A manera de introducción. In: JUAN GIL DE ZAMORA. *Milagros de Santa María del “Liber Mariae”*. Edición de Francisco Rodríguez Pascual. Zamora: Semuret, 2007. p. 17-49.